

## Política, revolta e anti-política

Acácio Augusto

(Apresentado na mesa *O levante da multidão: quem são os 0,20 centavos*, realizada no dia 26 de junho na PUC-SP. Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=FU6zyorYk-w>)

Primeiro gostaria de agradecer aos CACS pelo convite e à insistência do Cauê para que esteja aqui hoje, mesmo depois de dizer que não teria muito o que dizer acerca de classes e multidão. Farei, portanto, uma exposição da conversa que levou a esse convite: uma análise dos movimentos e protestos que pipocaram a partir das mobilizações do MPL e as relações do movimento com princípios como apartidarismo e horizontalidade. Poderei, por vezes, repetir as análises da associação que integro, o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), exposta em hypomnemta 157 que circulou por e-mail e encontra-se publicado em nosso site.

Portanto, deixo claro que falo de um lugar; de uma perspectiva anarquista do que se passou, sem a pretensão de analisar a totalidade dos fatos. Somado a isso, falo na PUC-SP, local no qual também trabalho como pesquisador. O que me deixa ainda mais a vontade, pois, novamente, esse espaço se antecipa aos acontecimentos da vida política da cidade e do país. Vivemos, no final do ano passado, uma greve política motivada pela escolha da candidata a reitora menos votada. Nessa greve, muitas questões em torno da democracia, das práticas democráticas, dos limites da representação e da participação foram discutidas e experimentadas por estudantes e professores. Mesmo que alguns dos desdobramentos terríveis desses dias tenham passado quase despercebidos, como a convocação à uma delegacia, do dramaturgo e diretor José Celso Martinez Correa. Como disse um estudante de geografia ao comentar, no jornal da APROPUC, o envolvimento da comunidade puquiana nas manifestações: a PUC-SP é como um vulcão, você olha está lá quieto, no

momento seguinte tudo entra em erupção. Isso é bacana, pois mostra nossa disponibilidade ao surpreendente.

Vamos à questão colocada por essa mesa. Penso que não devemos nos perguntar quem são os 20 centavos, mas acompanharmos o que deu forma a essa revolta inicial e as formas possíveis que ela foi tomando ou pode ainda tomar.

Entre as diversas análises, que buscam sempre imprimir uma direção aos acontecimentos, repetiu-se, diversas vezes, o caráter apartidário das manifestações e a exposição da falência do sistema de representação dos partidos.

No que consiste esse apartidarismo?

Se puxarmos num passado recente, parte dele deriva da própria política de alianças elásticas do PT. Em São Paulo, essa política de alianças foi responsável pela vitória do atual prefeito que, por um lado expressava um apoio tácito ou declarado aos movimentos apartidários ou independentes, incluindo o MPL e, por outro, firmava aliança com o partido do ex-governador biônico da ditadura-civil militar, sob a benção de seu padrinho político. Essa elástica política de alianças é, a um só tempo, o traço característico da política moderna e sua forma de atualização na sociedade de controle, na medida em que introduz as negociações e alianças diplomáticas na vida e sobrevivência dos movimentos sociais, ONGs e representantes da sociedade civil organizada. Quem não lembra o papel decisivo do movimento independente e apartidário “Existe amor em SP” nas últimas eleições municipais de São Paulo. No âmbito institucional, para recorrer a outro exemplo, basta recordar que o 15M, dos indignados espanhóis, obteve como resultado eleitoral a vitória do partido conservador.

É preciso estar atento para o fato de que esse afastamento dos partidos tem se traduzido como ampliação das práticas de governo na sociedade e que

suas demandas, quase sempre, convergem para uma solução de Estado ou de reivindicação de mais Estado. Seja por ampliação de políticas sociais, como saúde, transporte e educação; seja pela ampliação de penalizações, como a tipificação da corrupção como crime hediondo ou a redução da maioria penal, como se viu pelas ruas.

Aí está a diferença entre ser apartidário e antipartidário, entre ser contra estatal e anti-governamental, entre política e antipolítica. A recusa à representação partidária e parlamentar entre os anarquistas decorre de uma experiência histórica e, por isso, anti-dogmática e sem pretensão à neutralidade. Na década de 1840, Proudhon (tipógrafo de profissão) foi eleito o deputado mais votado da história da França, em meio às revoltas do que ficou conhecido como *Primavera dos Povos*, em 1848. Saiu de lá, após ter sido recusada sua proposta de banco do povo, dizendo que nunca esteve tão longe dos problemas imediatos do povo francês quanto o tempo que esteve no parlamento. Quando, também por circunstâncias históricas, os anarquistas compuseram uma frente anti-fascista na Espanha revolucionária, ocupando inclusive cargos no governo da frente popular, casos de Federica Montseny e Garcia Oliver, foram esmagados pelo estalinismo e a reação fascista internacional, com o consentimento das democracias liberais. No Brasil, Edgar Leuenroth recusou o lançamento de sua candidatura, o que renderia sua liberdade, já que se encontrava preso sob acusação de ser mentor intelectual do ataque ao moinho Santista, nas jornadas grevistas de 1917. Esses são alguns poucos exemplos de como uma prática social se forma em meio às lutas e não a partir de valores.

Essa diferenciação me parece politicamente importante, na medida em que foi precisamente o apartidarismo, com pretensões à neutralidade, que abriu caminho para uma espécie de hackeamento conservador das iniciais manifestações de rua. Uma convocação articulada via grande imprensa e feicibuque, que se valeu da horizontalidade na articulação do movimento, para transformá-lo em espetáculo cívico nacionalista a ponto de animar até os

estádios da Copa das Confederações, dando um centro de convergência a essa horizontalidade. Não quero com isso dizer que a culpa é do movimento ou da forma como ele se apresentou. Quanto a isso não cabe julgamento. Os jovens, de classe média e de classe baixa, foram às ruas nos dias 6, 11 e 13 de junho e expressaram sua revolta enfrentando a polícia e quebrando bancos e pontos de ônibus. Isso é um fato mais que saudável. Nesse momento, como já disse, cabe atentar para formas que isso pode tomar e possibilidades de se manter o fogo inicial da revolta.

Um efeito interessante disso tudo, que deixou os *mass media* de calça na mão, foi que jovens acostumados com os monitoramentos e equipados com aparelhos eletrônicos que os mantêm atualizados, registraram, desde dentro, a atuação da polícia. Monitoraram os monitoramentos das ruas da cidade. Assisti a um belíssimo vídeo de um jovem detido no dia 13, no qual ele engana o policial, não familiarizado com equipamento eletrônico, e filma toda sua detenção até a ida à delegacia. Nas manifestações dos dias 18 e 20 de junho, frentes anti-fascistas espontâneas foram formadas, puxando gritos contra o nacionalismo, o ufanismo e o moralismo dos manifestantes convocados pela grande mídia a cantar o hino nacional. Estes rapidamente se juntaram a grupos de Skin Heads e White Power para hostilizar e agredir quem queimava a bandeira ou levava consigo uma bandeira negra, vermelha ou vermelha e negra. O limite dessa frente espontânea foi justamente a cobertura policial dada aos fascistas. A minoria de vândalos são esses antifascistas.

Por isso insisto que o mais belo nessa história toda é a revolta. Apenas sua ampliação, para além do espetáculo de rua, pode transformar essa insatisfação mais ou menos generalizada em algo novo que rompa com as elásticas negociações do apartidarismo que vem renovando a política na democracia formal. Uma antipolítica que possibilite o ingovernável, com uma revolta que não coincide com a violência como faz crer a cobertura da mídia corporativa.

Como anotou Foucault em situação completamente diversa da que vivemos hoje: “Ninguém tem o direito de dizer: ‘Revolte-se por mim, a liberação final de cada homem depende disso’. Mas não concordo com aqueles que diriam: ‘É inútil revoltar-se, as coisas sempre serão assim’. Não se dá ordens àqueles que arriscam a vida contra o poder. (...) É um fato que as pessoas se sublevam e é, através disso, que uma subjetividade (não a de grandes homens, mas a de qualquer um) se introduz na história e lhes confere uma vida. (...) Não se pede a ninguém que essas vozes confusas soem melhor do que as outras e falem a verdade em sua profundidade ulterior. É suficiente que elas existam e que tenham contra si tudo o que luta para silenciá-las, para tornar significativo escutá-las e para buscar por aquilo que queriam dizer. (...) É precisamente por existirem tais vozes que o tempo humano não assume a forma de evolução, e, sim, o da ‘história’. (...) Precisamos ser respeitosos quando emerge uma singularidade e intransigentes assim que o Estado as viola. É uma escolha simples, mas que dá trabalho: é preciso olhar um pouco debaixo da história, para ver o que a quebra e a agita, e manter vigília, um pouco por trás da política sobre o que deve limitá-la incondicionalmente. “

*É preciso ampliar a revolta!*

Revolta é impulso de vida. O escravo, quando liberto, busca dar forma a sua liberdade e diz *não* aos que querem governá-lo. Na luta se faz homem livre.

Provocar o ingovernável.

O governo produz disputas e guerras.

O trabalho, a paixão, o prazer, o tesão de cada um, busca, em associação, produzir vida, inventar liberdades, resistir aos poderes. Não busca a segurança, mas o perigo como potência, reconhecendo a finitude da vida e sua beleza.

A vida como batalha diária que não busca o extermínio, mas o exercício de sua potência como revolução permanente, em combate ao poder onde ele estiver, seja em qual forma se apresente.

Nesse momento é preciso estar atento às formas de nossa liberdade, não esquecer que no século XX a maioria sempre esteve ao lado dos tiranos e dos dominadores; que o nacionalismo ampliou e regrou o racismo de Estado; que ditaduras foram instituídas para “salvar” as democracias.

A liberdade não é um valor, é uma prática!

Ampliar as possibilidades, animar as multiplicidades, multiplicar as descentralidades e combater na luta os moralismos e os anúncios de salvação.

Uma coisa é certa: ninguém sai vivo daqui.

Violento é o Estado; arruaceiro é o governo e seus agentes oficiais e extra-oficiais.

Quem defende a bandeira e canta o hino, saúda mais de 500 anos de assujeitamentos e extermínios.

Que a insatisfação se transforme em revolta;

Que a mudança aponte para ampliação da série liberdade.

Que os jovens que iniciaram essas ondas de insatisfação no começo desse século XXI encontrem uma forma de se desvencilhar dos fantasmas políticos do século XIX e das normalidades genocidas do século XX.

Por um mundo sem violência!

**Leia-se:** sem polícia, sem Estado, sem propriedade, sem deuses, mestres e amos!